

A raiz do mal

RESENHA *O Populismo Reacionário* é uma radiografia da ascensão bolsonarista e um alerta sobre o futuro

POR HELIO CANNONE*

O uso do conceito de populismo para analisar personagens e governos da política brasileira não é em si uma novidade. Apenas como exemplo podemos citar a abordagem de Francisco Weffort, que o aproxima da definição marxista de bonapartismo, ainda no fim dos anos 1960. As variações na definição do conceito e seu caráter eminentemente negativo chegaram a resultar em crítica bem-humorada do cientista político César Guimarães, em texto publicado em 2001: “O populismo, que sobre ser tão complexa questão conceitual, é também política popular de que não se gosta”.

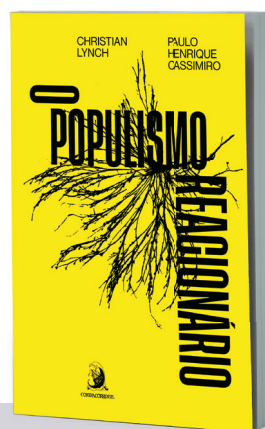
Todavia, o populismo nunca foi objeto exclusivo de políticos e cientistas sociais brasileiros. Também o cientista político norte-americano Robert Dahl havia dedicado um capítulo para a discussão em seu *Prefácio à Teoria Democrática*, de 1956. Com o avanço mundial de personalidades como Donald Trump, Recep Erdogan e Jair Bolsonaro, a preocupação presente na produção intelectual internacional, ao menos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, ganhou centralidade como forma de entender as transformações recentes na democracia e explicar a percepção de crise no sistema liberal posterior à queda do Muro de Berlim. É nesse conjunto de esforços que se insere *O Populismo Reacionário: Ascensão e Le-*

gado do Bolsonarismo, dividido em uma introdução, quatro capítulos e conclusão, no qual se faz uma radiografia de como o populismo reacionário chegou ao poder, quais são seus objetivos e quais são as alternativas em um cenário no qual a reeleição pode não acontecer.

O livro foi escrito pelos cientistas políticos Christian Lynch e Paulo Henrique Casimiro, ambos professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O opúsculo parte de uma definição do populismo como um modelo

de representação política presente em sociedades massificadas, que dispensa a mediação de instituições e é praticado por uma liderança carismática que afirma representar a maioria. Nessa definição, os autores acompanham não só a discussão internacional clássica de Robert Dahl, mas a somam com outras recentes, como a de Nadia Urbinati e Pierre Rosanvallon. Contudo, a grande contribuição do livro ao debate público está menos pelo uso do conceito de populismo e mais pela sua junção com o qualificativo “reacionário”.

Se é verdade que o populismo frequenta tanto os debates acadêmicos quanto as discussões da esfera pública, o mesmo não pode ser dito sobre o reacionarismo. Fora das discussões especializadas, ele é corriqueiramente definido como sinônimo de conservador ou retrógrado, sem grande atenção para com o seu significado específico. Tendo em vista que a forte preocupação do livro é abordar o fenômeno político do bolsonarismo por meio da discussão sobre ideologias e imaginação política, os autores ocupam-se em descrever o reacionarismo, em linguagem acessível. Para os autores, ele seria uma vertente radical do pensamento conservador, que não estaria preocupado em preservar instituições cujo tempo teria aperfeiçoado, mas destruí-las, a partir de uma utopia que projetaria em um passado ideal a idade de ouro. No caso dos contrarrevolucionários franceses, ela seria a Idade Média europeia, dada pela supremacia da Igreja e uma noção forte de hierarquia social. Em nossa cor local, o reacionarismo seria inspirado em um ideal colonial bandeirantista, predador e avesso ao controle estatal de seus instintos. Ao mesmo tempo, a ditadura é percebida como época de ordem e de salvação nacional diante da ameaça co-



*O POPULISMO REACIONÁRIO:
ASCENSÃO E LEGADO DO
BOLSONARISMO*

**Christian Lynch e Paulo Henrique
Casimiro.** Editora Contracorrente
(100 páginas, 54 reais)



Não basta
tirar a faixa
deste senhor

munista. O bolsonarismo seria, então, produto dessa dupla inspiração.

A grande contribuição de *O Populismo Reacionário* para o debate público é o de apresentar ao leitor, por uma linguagem relativamente simples, como a forma de pensar do bolsonarismo mobiliza sua ação política. Entretanto, eles não se desviam da tarefa de explicar a partir dessa abordagem como ele chegou ao poder. Para tal, apontam em que sentido o

liberalismo judiciarista alimentado pela Operação Lava Jato e o neoliberalismo de feição darwinista social teriam visto em Jair Bolsonaro o representante de suas agendas anticorrupção e contrária à intervenção do Estado na economia e nas políticas sociais. Para eles, os protestos de 2013 foram o sintoma de uma mudança de ares ao conservadorismo. O desfecho foi a eleição da possibilidade mais à direita, graças ao auxílio de técni-

cas populistas de propaganda nas redes sociais, importadas dos Estados Unidos e coordenadas pelos filhos do presidente.

No governo, o que teria sido levado à frente seria uma agenda de destruição, guiada por um líder populista reacionário, cuja intenção não era administrar ou governar, mas fazer valer seus interesses pessoais e familiares. Para Lynch e Casimiro, isso não se explicaria só pelo interesse econômico, mas pelo fato de o reacionarismo ser uma vertente de pensamento político no qual não existiria divisão entre público e privado. Ao contrário, nela os valores familiares deveriam guiar a sociedade. Nessa empreitada, o populismo reacionário conta com apoio de militares que auxiliam na inspiração de Bolsonaro na ditadura e no seu anticomunismo difuso, ampliado para qualquer forma de pensamento à esquerda da deles próprios. Os neoliberais tiveram, por sua vez, a incumbência de realizar a agenda econômica. Todavia, a aproximação com o Centrão teria esvaziado a realização da ortodoxia econômica em detrimento da compra de parlamentares que impediriam o *impeachment* do presidente.

A conclusão do livro é um alerta. A intenção do populismo reacionário bolsonarista é minar as instituições construídas na Nova República e os procedimentos mais basilares. O governo Bolsonaro deu posição privilegiada para isso, mas sua provável derrota eleitoral – mesmo na ocasião de o resultado das urnas não ser questionado – não significará seu desaparecimento como força social ou como vertente reacionária do pensamento político brasileiro. Assim, sua contenção não será o fim da luta pela volta da normalidade, mas a necessidade de continuar o combate. •

**O autor é doutor em Ciência Política pelo Iesp-Uerj, pós-doutorando no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.*

